

# OS ANIMAIS E A PSIQUE

*volume 2*

asno, camelo, gato, golfinho, morcego, raposa, rato

▼ Denise Gimenez Ramos ▼ Maria do Carmo De Biase  
▼ Maria Helena Monteiro Balthazar ▼ Neusa Maria Lopes Sauaia  
▼ Roseli Ribeiro Sayegh ▼ Stella Maria T. Cerquinho Malta

*OS ANIMAIS E A PSIQUE*  
*volume 2*

*asno, camelo, gato, golfinho, morcego, raposa e rato*

Copyright © 2017 by autores  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Capa e ilustrações do miolo: **Fernando Souza**  
Projeto gráfico: **Liga Editorial**  
Diagramação: **Santana**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## Sumário

<i>Prefácio</i> .....	11
<i>Introdução</i> .....	15

### O ASNO OU BURRO

<b>Principais características biológicas</b> .....	21
<b>Simbolismo</b> .....	23
Animal de carga e montaria .....	23
Pouca inteligência e estupidez .....	26
Humildade e ingenuidade .....	31
Aspecto maléfico e demoníaco .....	32
Poder de cura, poder mágico e presságios .....	35
Natureza fálica e luxúria .....	37
Relação com o ser humano .....	40
A cor do asno .....	43
Partes do asno .....	44
Relação com outros animais .....	47
Deuses-asno .....	48
Deuses associados ao asno .....	50
Asnos famosos .....	53
Asnos fantásticos .....	54

### O CAMELO

<b>Principais características biológicas</b> .....	63
<b>Simbolismo</b> .....	66
Mito da origem da corcova do camelo .....	66
Forma e tamanho .....	67
Montaria .....	68
Resistência e autossuficiência .....	69
Obediência e servidão .....	70

Ingenuidade e estupidez .....	71
Riqueza e prosperidade .....	72
Poder de proteção .....	74
Impureza .....	74
Animal sagrado .....	75
Animal fantástico .....	76

## O GATO

<b>Principais características biológicas</b> .....	79
<b>Simbolismo</b> .....	83
Mito de origem .....	83
Esperteza e agilidade .....	84
Aspecto maléfico e demoníaco .....	89
Força protetora .....	94
Poder de cura .....	96
Poder mágico .....	97
Provedor de sorte e de riquezas .....	100
Sensualidade e fertilidade .....	101
Liberdade e independência .....	103
Caçador e lutador .....	105
Psicopompo .....	106
Clarividência .....	108
Limpeza .....	109
Musicalidade .....	110
Imortalidade .....	111
Preguiça e aconchego .....	112
Relação com o ser humano .....	114
Relação com o feminino .....	115
Presságios associados ao gato .....	119
A cor do gato .....	120
Partes do gato .....	125
Relação com outros animais .....	128
Deusas-gato .....	139
Espíritos e deuses associados ao gato .....	141

Gatos famosos .....	146
Animal fantástico .....	148

## O GOLFINHO

<b>Principais características biológicas</b> .....	151
<b>Simbolismo</b> .....	155
Mito de origem .....	155
Guia, protetor e salvador .....	155
Sensualidade e poder de sedução .....	158
Relação com o feminino .....	162
Transformação em ser humano .....	163
Psicopompo .....	164
Símbolo de poder .....	165
Presságios associados ao golfinho .....	166
Emblema de Cristo .....	166
Deuses associados ao golfinho .....	167
Partes do golfinho .....	171
Relação com outros animais .....	172

## O MORCEGO

<b>Principais características biológicas</b> .....	175
<b>Simbolismo</b> .....	179
Mito de origem .....	179
Aspecto maléfico .....	181
Aspecto benéfico .....	186
Relação com o ser humano .....	188
Relação com o feminino .....	191
Dupla natureza .....	192
Presságios .....	194
Poder de cura e de proteção .....	195
Partes do morcego .....	196
Relação com outros animais .....	197
Animal sagrado e deuses .....	198

Herói associado ao morcego: Batman .....	200
Vampiro .....	203

## A RAPOSA

<b>Principais características biológicas</b> .....	213
<b>Simbolismo</b> .....	217
Aspecto materno .....	217
Astúcia e esperteza .....	219
Aspecto maléfico e demoníaco .....	225
Aspecto benéfico .....	230
Poder mágico .....	232
Relação com o feminino .....	234
Voracidade .....	237
Guia e psicopompo .....	238
Longevidade .....	240
Poder de cura e de proteção .....	240
Relação com o ser humano .....	241
Presságios associados à raposa .....	249
A cor da raposa .....	250
Partes da raposa .....	251
Relação com outros animais .....	252
Deuses associados à raposa .....	264
Raposa fantástica .....	265

## O RATO

<b>Principais características biológicas</b> .....	271
<b>Simbolismo</b> .....	274
Mito de origem .....	274
Tamanho, agilidade e esperteza .....	275
Aspecto maléfico .....	277
Aspecto surruprador .....	281
Voracidade .....	282
Aspecto benéfico .....	284
Poder de cura .....	287

Personificação da alma .....	289
Transformação em ser humano .....	290
Presságios associados ao rato .....	292
A cor do rato .....	294
Partes do rato .....	294
Relação com outros animais .....	295
Deuses associados ao rato .....	304
Ratos famosos .....	307
<i>Glossário</i> .....	311
<i>Referências</i> .....	315
<i>Índice de referência das obras</i> .....	323

## Prefácio

Como médico veterinário desde 1970, foi surpreendente receber o convite inusitado para prefaciá-lo o segundo volume da obra *Os animais e a psique*. Tal convite mostrou-se um desafio, uma vez que o livro analisa como as relações entre humanos e não humanos são observadas em condições distintas daquelas vividas no consultório.

Há mais de 15 anos essa leitura se fez necessária para estabelecer como se dá a ligação entre as atividades de recepção aos visitantes nos 60 anos de vida da Fundação Parque Zoológico de São Paulo com a interpretação dos sinais observados em pessoas que buscam conhecer de perto animais, aparentemente por curiosidade. Mas não é tarefa simples. A observação do comportamento dos visitantes tornou-se importante a partir do momento em que a Fundação passou a incorporar o papel dos zoológicos modernos e promover e estimular o conceito conservacionista para proteger as espécies ameaçadas de extinção.

Consciente de que o desejo dos visitantes de ver e conhecer animais silvestres ia além da mera curiosidade, estimulamos técnicos, educadores ambientais e biólogos a observar o comportamento do público. Interações curiosas foram notadas.

Há aqueles que vêm resgatar a memória de visitas ao zoo ocorridas na infância, trazendo filhos ou netos. Outros chegam com o simples propósito de passear em um parque de Mata Atlântica preservada. Outros, ainda, têm a fantasia de observar animais silvestres da fauna brasileira ou exóticos e ameaçados de extinção, os quais não teriam oportunidades de ver soltos.

É comum que os visitantes procurem os funcionários para fazer observações sobre o comportamento dos animais. De modo geral, todas elas têm origem na forma distinta e pessoal como essas pessoas interpretam esse comportamento. Essa é uma constatação que permeia os relatos acumulados pelo corpo técnico da Fundação, que já recebeu mais de 90 milhões de visitantes – uma amostragem e tanto para qualquer natureza de análise.

Após a leitura do volume 1 de *Os animais e a psique*, passei a observar esses visitantes da ótica da possível relação de identidade comportamental com determinados animais. E também o inverso: como esses bichos tomam a



iniciativa – se é que se pode chamar assim – de estabelecer um possível relacionamento com os humanos.

Constatações cientificamente bem elaboradas e reconhecidas demonstram que os animais são inteligentes, desenvolvem cognição, têm memória e personalidade. Observar os primatas – animais de hábitos sociais no seu grupo – é uma experiência única. Eles brincam, demonstram ciúme, ficam tristes e abatidos, com o claro sentimento de perda, quando desaparece um membro do grupo; eles ficam alegres quando recebem um companheiro que estava afastado. Uma pesquisa realizada na Fundação com dois deles comprova a capacidade cognitiva, a empatia e o vínculo afetivo na relação com humanos e demonstra que eles detêm psicologia própria.

Como explicar que uma elefante fêmea se diverte pregando peças em seu tratador, devolvendo o banho de mangueira que ele lhe dá nos dias quentes? Nada é mais divertido para ela que encher a tromba de água e aguardar o tratador ficar de costas para ensopá-lo com sua “mangueira” natural.

O que faz um flamingo criado em cativeiro pelos biólogos ter ciúme de uma das técnicas, a ponto de correr atrás de quem dela se aproxima? Segui-la pelas alamedas do Parque, ora à frente, como que a conduzindo, ora atrás, como que a protegendo?

Uma pergunta se faz importante: de que forma o conhecimento da psique dos animais humanos pode contribuir com os projetos de conservação de espécies silvestres ameaçadas? Os zoológicos modernos do século XXI são instituições que atuam como núcleos de pesquisa científica aplicada e como centros de conservação, mantendo espécies ameaçadas em semicativeiro para desenvolver planos de reprodução assistida e sensibilizar seus visitantes sobre a importância do tema. Esse é um desafio permanente.

A World Association of Zoos and Aquariums (Waza) contabiliza mais de 700 milhões de visitantes nos seus mais de 280 membros institucionais afiliados. A Aquarium and Zoos Association (AZA) relata mais de 175 milhões de visitantes anuais, com tempo médio de visita de quatro horas e 3,6 repetições de visitas anuais – números esses que excedem o atendimento combinado a todos os principais eventos esportivos nos Estados Unidos.

Historicamente, as espécies emblemáticas em zoológicos são os elefantes, as girafas, os hipopótamos, os rinocerontes, os chimpanzés e os orangotans.

gos. Corre-se o risco concreto de que esforços de conservação sejam condenados a salvar apenas o fofo, o exótico, o exibido ou o sedutor (Skibins, 2015; Stokes, 2007), que têm como principal atrativo as características humanas. Estudos recentes sugerem um viés taxonômico em espécies de interesse para conservação (Clark e May, 2002; Martin et al., 2004; Wilson e Nantha, 2006) observado em pesquisas *in situ* e coleções *ex situ*. Esse viés pode se tornar uma profecia autorrealizável.

Se o público se preocupar apenas com espécies carismáticas tradicionais, estas tenderão a ser as únicas a ser conservadas (Tisdell Nantha, 2007), porque é difícil reunir apoio, interesse e financiamento em torno de supostos taxa não carismáticos como insetos, anfíbios, ou répteis. Assim, o desafio novo para os ambientalistas conservacionistas é sensibilizar a sociedade para a convivência harmônica entre o homem e o animal, convivência essa baseada na busca do equilíbrio ecológico.

A psicologia analítica encontra caminhos para conhecer e interpretar o simbolismo que cada espécie animal adquire na psique humana, e esse conhecimento permite que busquemos a origem da humanidade no passado distante.

*Os animais e a psique volume 2* reúne mais um grupo de espécies que se soma ao da obra anterior. A pesquisa feita pelas autoras junguianas impressiona pela profundidade com que foi elaborada. Textos bíblicos e conhecimentos anatômicos, fisiológicos e etológicos são citados de forma clara e de simples entendimento para o leitor leigo nessas matérias. Usos, costumes e hábitos de povos espalhados pelo mundo e associados às espécies animais com os quais convivem ou conviveram são comentados. Este é um daqueles escritos que se começa a ler e não é possível parar. O desafio de prefaciar esta obra se transformou numa nova empreitada: descobrir como o conhecimento oferecido pelas autoras pode-nos ajudar a trabalhar a conservação das espécies ameaçadas de extinção pelo próprio homem.

Boa leitura!

PAULO MAGALHÃES BRESSAN

Diretor-presidente da Fundação Parque Zoológico de São Paulo

## Introdução

Este é o segundo volume de uma obra que vem se desenvolvendo ao longo de vários anos de pesquisa. Motivadas pela observação da importância dos animais no cotidiano e na prática clínica como analistas, aprofundamos nossos estudos sobre o assunto, expandindo a compreensão do rico simbolismo envolvido nesse tema, uma vez que os animais estão presentes na vida humana estejamos ou não conscientes desse fato.

A íntima relação que sempre existiu entre o ser humano e os animais tem passado por grandes transformações. Antigamente, homens, mulheres, crianças e bichos compartilhavam o mesmo ambiente campestre com grande proximidade. A relação era mais prática e objetiva, já que os animais eram usados de forma utilitária como alimento, vestimenta e transporte. Entretanto, a urbanização e o desenvolvimento tecnológico aos poucos distanciaram o ser humano de suas raízes instintivas, e o contato, bem como o conhecimento dos animais, passou a se dar, em grande parte, por meio de livros, filmes e passeios nos zoológicos. Se, de um lado, os animais desapareceram das ruas, de outro foram trazidos para dentro das casas, estabelecendo um estreito vínculo afetivo com seus proprietários.

Estima-se hoje que existam cerca de 52,2 milhões de cães e 22 milhões de gatos no Brasil, sendo que 44,3% dos lares têm pelo menos um cão e 17,7%, um gato, o que movimenta um mercado *pet* milionário de alimentos, roupas, brinquedos e produtos veterinários ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), 2015). Nos Estados Unidos, cerca de 40% das casas têm cães e 30,4% têm gatos, perfazendo um total aproximado de 85,8 milhões de gatos e 77,8 milhões de cães ([www.avma.org](http://www.avma.org), 2016). Na Europa, calcula-se que mais de 75 milhões de casas têm pelo menos um animal de estimação, com cerca de 20% de gatos e 21% de cães ([www.fediaf.org](http://www.fediaf.org), 2014).

Tais estatísticas levam-nos a pensar na função desses animais na vida moderna. Com famílias menos numerosas, maior individualismo e grande número de lares com uma só pessoa, os animais de estimação preenchem a falta de companhia e de afeto. Os indivíduos com dificuldade nas relações interpessoais encontram nos animais um lugar de troca afetiva incondicional

e estável. A sensibilidade quanto aos humores e estados emocionais de seus donos desperta nestes sentimentos de empatia e amor, trazendo conforto e acolhimento em momentos difíceis.

A função dos animais em processos terapêuticos também se valorizou muito. A zooterapia ou terapia assistida por animais (TAA), como é denominada atualmente, já era conhecida na Antiguidade grega. Relatos da época mostram que o contato com golfinhos teria ajudado na promoção do bem-estar do ser humano. Sabe-se hoje que, ao ecoar no corpo humano, o sonar desse animal pode produzir alterações moleculares que resultam no aumento das células T do sistema imunológico e na produção de neurotransmissores, como as endorfinas. Pacientes com distúrbios de comunicação, atraso do desenvolvimento e deficiência de aprendizagem, síndrome de Down, paralisia cerebral e autismo, entre outros transtornos, beneficiam-se de terapias com esse animal.

Nos últimos anos, a TAA – definida como uma prática com critérios específicos em que o animal é parte essencial de um tratamento – é desenvolvida em vários lugares do mundo. Estudos científicos observam que essa é uma opção de tratamento complementar para trauma e estresse pós-traumático. Usada como técnica de redução de estresse, nela os animais são assistentes no tratamento sobretudo de idosos, pessoas hospitalizadas e em asilos.

Nas visitas hospitalares, cães treinados promovem descontração e alegria, facilitando a comunicação entre pacientes. São ensinados também a conduzir cegos, dando a estes, além de companhia, grande autonomia de locomoção.

Escovar, alimentar ou montar asnos ou cavalos (asinoterapia ou equoterapia) também ajuda a reabilitar pessoas com deficiências ou necessidades especiais, como aquelas que sofrem, entre outros distúrbios, de transtorno de déficit de atenção com hiperatividade, disfunções neuromotoras e autismo.

Vários trabalhos científicos comprovam que a convivência com gatos pode trazer diversos benefícios psicológicos e físicos, entre eles a redução dos níveis de hipertensão e de doenças cardiovasculares. O nível de cortisol se reduz e, com isso, o de estresse. Pode também aumentar a produção da oxitocina no cérebro, o que ameniza comportamentos agressivos e promove maior empatia e confiança nas pessoas, aprimorando ainda a aprendizagem.

A zooterapia tem diversificado o uso das espécies para diferentes objetivos e tratamentos. Peixes, tartarugas, aves e moluscos são hoje inseridos em contextos terapêuticos no trabalho com diferentes casuísticas e faixas etárias.

A consciência de que os animais são fundamentais para o equilíbrio planetário é refletida nos vários movimentos ecológicos que emergiram com mais força no final do século XX. Organizações como Salve o Planeta, World Wild Foundation, Movimento Internacional em Defesa dos Animais, Projeto Tamar e Greenpeace, entre tantas outras, atestam esse fato.

Paralelamente, a intensa crítica ao uso de peles, enfeites e objetos confeccionados com partes de animais revela maior sensibilidade ao sofrimento imposto a eles. Comportamentos antes considerados banais ou esportivos, que envolvem maus-tratos ou matança de animais, hoje são vistos como atos de barbárie, provocando protestos mundiais – tal como aconteceu com o leão Cecil, monitorado pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e morto no Zimbábue por um caçador americano. Outro exemplo é o repúdio à caça da raposa, disseminada pelos ingleses em suas colônias e ainda presente na Inglaterra nos dias de hoje.

Não é mais possível viver sem considerar o significado dos animais em nossa vida. Eles exercem um fascínio sobre nós, como podemos observar na enorme quantidade de livros e filmes que retratam de modo antropomórfico ou realista as qualidades peculiares de muitos deles. Alguns ficaram famosos, como o veadozinho Bambi, o elefante Dumbo, os ratinhos Mickey e Minnie, o Pato Donald, a cachorra Lassie e o golfinho Flipper, que atravessaram gerações. Novos personagens animais surgem o tempo todo, atualizando nosso interesse por eles, como o ratinho cozinheiro Remy, o peixinho Nemo, o burro falante do Shrek, a gatinha Marie, das Aristogatas, Simba, o Rei Leão, e os cães Beethoven e Marley, entre tantos outros. Por meio dessa fácil e imediata identificação, valores humanos são transmitidos e vivenciados por crianças e adultos, permitindo a incorporação de diversas qualidades desses animais.

No primeiro volume desta série, sete animais – baleia, carneiro, cavalo, elefante, lobo, onça e urso – foram estudados em seus aspectos biológicos e simbólicos. Dando continuidade a essa pesquisa, no presente volume, asno, camelo, gato, golfinho, morcego, raposa e rato são abordados em suas várias dimensões, seguindo a mesma organização.

Na parte biológica, ressaltamos aspectos etológicos, ou seja, relativos aos hábitos de cada animal e sua relação com o ambiente, além das características anatômicas e fisiológicas. Na parte simbólica, contos, mitos, histórias, sonhos e fantasias das mais diferentes origens mostram o simbolismo específico de cada um. Enfatizamos a cultura brasileira, sobretudo lendas e costumes folclóricos.

Os dados encontrados foram reunidos em itens, observando-se, quando possível, uma ordem comum. Os temas referem-se a diferentes qualidades associadas a conteúdos da psique humana, como aspecto materno, maléfico, benéfico, poder de cura, feminilidade e eroticidade. Também foram pesquisadas as representações dos animais como deuses e animais fantásticos e fantasmagóricos. Outras características específicas – esperteza, inteligência, agilidade, cor e tamanho – estão descritas de acordo com as projeções mais comumente encontradas. Abordamos ainda a relação de cada animal com o ser humano e com outros bichos.

A interpretação desses dados, fundamentada na psicologia analítica, objetivou compreender a relação do indivíduo contemporâneo com os símbolos do inconsciente coletivo e a conscientização de sua função na preservação da natureza.

Esperamos que este livro seja mais uma contribuição aos inúmeros esforços de vários grupos que lutam pelo respeito e pela preservação de nossos companheiros animais. Preservá-los significa não apenas manter a harmonia e a saúde da vida no planeta como também a ética e a integridade psíquica do ser humano.

# — O ASNO OU BURRO —

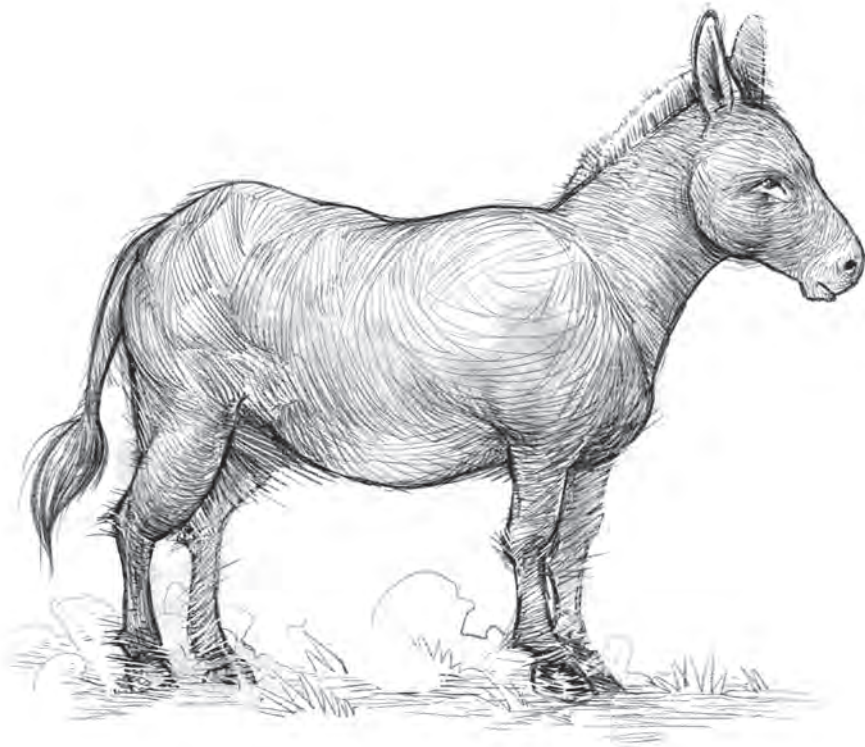
jumento, jegue ou mula



Ordem: *Perissodactyla*

Família: *Equidae*

Gênero: *Equus asinus*



## *Principais características biológicas*

São três as denominações atribuídas à espécie *Equus asinus*, as quais se dividem em subespécies: *asinus* (asno doméstico), *africanus* (asno selvagem) e *somaliensis* (asno selvagem da Somália). Na Mongólia, o asno selvagem é chamado de onagro. Entretanto, seu nome mais comum é asno, denominação dada a todo animal asinino, embora seja frequente também chamá-lo de burro.

O *Equus asinus* deriva do mesmo tronco da família do cavalo. Os traços mais antigos de sua existência datam do período Plioceno na ilha de Pianosa, no Adriático, e depois na costa norte da África. De origem selvagem no Marrocos, na Somália e na Mesopotâmia, foi domesticado há cerca de 6 mil anos, no Egito ou na Mesopotâmia. Hoje, é doméstico em quase todo o mundo, mas em algumas regiões ainda existem bandos selvagens.

Entre os asininos há também o jegue, espécie muito comum no Nordeste do Brasil, e o jumento. Ambos têm estatura mais baixa, orelhas longas, crina curta e reta que se estende até o garrote ou cernelha, cauda tufada e patas longas e finas. Este último foi introduzido na Europa pelos etruscos há cerca de 2 mil anos e bem mais tarde na América do Sul. De acordo com alguns autores, o jumento nordestino provavelmente descende do asno norte-africano, tendo chegado ao Brasil no século XVI com as caravelas portuguesas.

O cruzamento entre o cavalo e o asno produz descendentes mestiços incapazes de se reproduzir. O cruzamento entre asno e égua resulta sempre um híbrido: um muar, entre estes a mula (sexo feminino). Do cruzamento entre a asna e o cavalo surge o bardoto, animal raro.

Devido à sua resistência e capacidade de carga, a mula vem sendo criada há 3 mil anos. Tem mais força e energia que o cavalo e é maior que o asno. Por sua utilidade como animal de carga, energia e facilidade de se adaptar às intempéries, tornou-se extremamente utilizado pelos povos da Antiguidade, sendo um dos mais citados na Bíblia.

O asno é menor que o cavalo; tem orelhas compridas e crina curta. A cor de sua pelagem vai do cinza ao avermelhado, enquanto a barriga, o focinho e a parte interior das pernas são brancos. Costuma ter uma risca escura central